

Editorial

Esta edição da revista *Kairós* evidencia experiências e pesquisas que abrangem diferentes campos de interesse e visões de mundo. Pesquisas e experiências que analisam situações particulares/singulares, mostrando velhices heterogêneas, que divulgam formas de intervenção que podem ser modelos inspiradores de caminhos metodológicos na Gerontologia, que resgatam e atualizam o papel da teoria. Este número registra a socialização dos resultados parciais obtidos e sistematizados na IX Semana de Gerontologia, intitulada “Desafios da Velhice: o direito a ter voz”, evento realizado anualmente pelo Programa de Gerontologia. Fazem parte de nosso método científico a troca de idéias e a permanência da crítica intelectual ante os desafios que nos impõe a longevidade: o direito a ter voz.

Veze e voz na linguagem é expressão que refere a condição na qual o sujeito falante supõe poder controlar a própria fala, explicam Maria Francisca Lier-DeVitto, Suzana Carielo da Fonseca e Rosana Landi no texto “Veze e voz na Linguagem: o sujeito sob efeito de sua fala sintomática”. As autoras problematizam a inversão imaginária produzida pela presença de sintoma na fala, numa reflexão que coloca em cena o efeito “social” – de marginalização/isolamento – que se produz na escuta do outro, e o efeito de “destituição subjetiva” – de perda de veze e voz – que se produz na escuta do próprio falante. As pesquisadoras informam que afasias e demências – quadros clínicos que incidem na velhice – são discutidas de um ponto de vista lingüístico e são traçadas diferenças relativas às manifestações sintomáticas e seus efeitos subjetivos. Nessa

perspectiva, as autoras apresentam, de um lado, a “clínica de linguagem” como espaço de tomar a vez e a voz e, de outro lado, o de “centros de convivência” como espaços privilegiados de inclusão social.

Lilian Juana Levenbach de Gamburgo e Maria Inês Bacellar Monteiro, em “Envelhecimento e linguagem: algumas reflexões sobre aspectos cognitivos na velhice”, refletem especificamente sobre a repercussão do envelhecimento nas capacidades cognitivas a partir de uma entrevista realizada com uma idosa que deixou transparecer dificuldades na atenção e na memória que poderiam ser identificadas como um início de declínio cognitivo. A história dessa idosa, segundo as autoras, reforça a idéia de que ele depende mais da possibilidade de convívio social e das oportunidades que o idoso teve durante sua vida, do que de um processo puramente biológico de perdas progressivas.

Valcilene Pinheiro da Silva e Carmen Jansen de Cárdenas falam do convívio social em “A comida e a sociabilidade na velhice”, resultado de uma pesquisa na qual elas analisaram o papel da sociabilidade da comida na vida de idosos com restrições alimentares. As autoras descobriram que a comida é um elemento-chave para o gozo e bem-estar na velhice, por estar impregnada de afeto, emoção, alegria e sociabilidade.

Mas em “Afetiv(idade): uma questão afeta ao Direito”, Anna Cruz de Araújo Pereira da Silva traça um breve panorama das modificações nos vínculos familiares quando do envelhecimento, estudando como o Direito brasileiro trata tais questões, enfocando principalmente o exemplo da separação obrigatória de bens como oficialização de preconceitos através da lei.

A mesma lei que define ser idosa a pessoa que completar 60 anos de idade. Mas a preocupação em datar, metrificar, separar e caracterizar fases da vida não implica uma inclinação natural ou, até mesmo, alguma apreensão de essência. Não implica não ter voz. Trata-se de um dado da cultura. O sentido que atribuímos ao tempo dimensiona-se como construção, capaz de variar conforme a época e a sociedade em questão. É o que expõem Eduardo Furtado Leite e Mayra Rodrigues Gomes, em “Velho de alma jovem? Representações do idoso nas mídias”. Falam sobre classificações etárias com suas correspondentes atribuições de valores,

dando ênfase ao trabalho das mídias com as representações, trabalho que joga com as noções de velho e novo.

Noções que Ricardo Iacub, psicanalista argentino, trata em “El cuerpo externalizado o la violencia hacia la vejez”. Ele descreve uma das formas de violência na velhice, manifestada por pessoas idosas que desvalorizam e rejeitam aspectos do seu corpo que se referem às representações negativas do envelhecimento. Processo que produz uma externalização psíquica por meio da qual as “partes velhas” do corpo não são assemelhadas à idéia de si mesmo.

Trata-se, na realidade, da ilusão de infinitude, endossada pelos avanços biomédicos e pela indústria da eterna juventude, que tenta conter a angústia da incerteza. Mas a morte, apesar de certa, não nos dá tantos avisos quanto gostaríamos, explica Clarissa De Franco, no texto “A crise criativa no morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade”. Para ela, o “morrer” sofre com a pressa moderna, já que os rituais em torno da morte estão empobrecidos, simbolicamente, evitando-se cada vez mais um contato profundo com essa fase da vida. Esclarece que, em consequência, a morte deixa de ser um “ato social”, partilhado pela comunidade – como foi durante séculos –, passando para o âmbito privado, algo a ser vivenciado solitariamente. A autora constata que, atualmente, com o aumento da expectativa de vida, a chamada terceira idade não mais é associada diretamente à idéia de morte. A autora ressalta que a morte deve ser uma aliada e não uma adversária, e, por isso, deve representar à vida uma possibilidade de tomada de consciência de nosso processo existencial e não o marcador do fim da linha.

Fabio Roberto Bárbolo Alonso faz uma interpretação qualitativa e esclarecedora dos indicadores sociais, econômicos e demográficos da população idosa do Brasil em “Um olhar além dos números: uma interpretação qualitativa dos indicadores sociais e demográficos da população idosa no Brasil”. A partir da análise dos números, o autor quis saber as reais condições de vida desse segmento, identificando situações patológicas, desigualdades internas e necessidades urgentes.

Já Gustavo Toshiaki Lopes Sugahara pergunta “O envelhecimento populacional pode tornar-se estímulo de vantagem competitiva territorial?”. Seu artigo busca articular o conceito de competitividade

territorial com o fenômeno do envelhecimento populacional, destacando o papel fundamental que os indivíduos têm na promoção da competitividade. O autor propõe, ante as alterações da estrutura demográfica, uma reflexão em que o idoso possa ser encarado como elemento impulsionador de vantagem competitiva territorial.

Outra inter-relação, agora entre saúde bucal e saúde sistêmica, foi tema do artigo “Avaliação do conhecimento de médicos com atuação na área geriátrica do estado de São Paulo”, de Maria Cecília Azevedo de Aguiar e Fernando Luiz Brunetti Montenegro. Propõem uma abordagem do nível de conhecimento de médicos com atuação na área geriátrica sobre saúde bucal, além de buscar elucidar o papel da odontologia em equipes de assistência à terceira idade e a importância da interdisciplinaridade, através de entrevistas a médicos com atuação geriátrica no estado de São Paulo.

E, por falar em saúde, um grupo de pesquisadores e colaboradores, em “Estudo multidimensional das condições de vida do idoso que frequenta os serviços da Unisc *campus* Santa Cruz do Sul/RS”, apresenta parte dos resultados da pesquisa que teve como objetivo descrever o perfil biopsicossocial do idoso que frequenta os serviços da Unisc. Dentre os resultados obtidos, observaram que os idosos pesquisados estão inseridos na categoria das pessoas que sofrem de doenças não transmissíveis associadas ao estilo de vida.

Justamente o que aborda o artigo intitulado “Experiência compartilhada: um momento de reflexão na sala de aula da Unati”. O texto de Vera Helena Rodrigues Zaitune fala da experiência de uma prática docente com um grupo de terceira idade da Unati (Universidade da Terceira Idade/Unesp - Universidade do Estado de São Paulo) de São José dos Campos, com escolaridade do ensino fundamental a ser desenvolvida e aperfeiçoada. A autora relata a construção de uma produção coletiva através de uma releitura de texto trabalhado em sala de aula, com a utilização de metodologia voltada para uma educação humanizante.

Para se compreender melhor a questão da educação humanizante, o texto “Projetos sociais em gerontologia: uma experiência da disciplina Bioética na pós-graduação do Centro Universitário São Camilo”,

de Cristiane Regina Ruiz e Zally Pinto Vasconcelos Queiroz, apresenta projetos que discutem a ação dos novos profissionais como agentes de transformação bioética da sociedade atual. A disciplina Bioética debate problemas e dilemas éticos que cercam o idoso, sua inserção como cidadão na sociedade e o envelhecimento saudável, estimulando o envolvimento prático do aluno na criação de recursos e projetos que possam privilegiar pessoas carentes de ações concretas.

A experiência de Olga Luiza Leon de Quiroga sobre o movimento de moradia dos idosos é relatada em “O Garmic e a luta por moradia para idosos na cidade de São Paulo”, mostrando a ação concreta de pessoas idosas carentes. O Garmic é uma organização de idosos voltada especificamente para a luta por moradia, que desenvolve um grande trabalho com os idosos filiados à entidade, no sentido de organizá-los para buscar junto ao poder público e instituições da sociedade civil a criação de políticas públicas de habitação para a população idosa de baixa renda.

As várias formas de participação e organização dos idosos, com ênfase nas Associações de Aposentados e no Grande Conselho Municipal dos Idosos de São Paulo, são analisadas por Maria Alice Nelli Machado, em “O movimento dos idosos: um novo movimento social?”. Em seu texto, observa-se como a autora procura compreender as diferenças da prática política desses grupos e por que não integram suas lutas, permanecendo separados e com resistência a se unificarem.

A seção Anais encerra esta edição. Nela estão contidos os resumos de trabalhos apresentados durante a IX Semana de Gerontologia, muitos dos quais destacando o direito a ter voz.

É esse direito que desejamos a vocês, leitores, independentemente da idade, mas especialmente às pessoas que vivenciam uma vida prolongada. Boa leitura!

Beltrina Côrte
Suzana A. Rocha Medeiros